

MULHERES DA UNIÃO UNIVERSITÁRIA FEMININA - 1929

Caren Victorino Regis (Bolsista IC/UNIRIO).

carenvr@ig.com.br

Prof.^a Dra. Nailda Marinho da Costa Bonato (Orientadora)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

O trabalho apresentado é fruto da pesquisa de iniciação científica, em andamento, que estuda a atuação da União Universitária Feminina, criada em 1929. A pesquisa tem como objetivos: revelar quantas e quem eram as mulheres membros da União Universitária Feminina; identificar os motivos de sua formação assim como os seus objetivos e analisar as concepções da União sobre o ensino superior para as mulheres; busca conhecer a inserção das mulheres no ensino superior e toda a trajetória de luta dessas mulheres para exercerem seus direitos sociais e políticos.

Assim, estudar a atuação e as concepções da União Universitária Feminina é voltar no tempo para conhecermos as representantes desta entidade que tanto lutaram por sua inserção nesse espaço formal de ensino – o de nível superior, contribuindo para que outras mulheres também atingissem esse objetivo.

Para fundamentação de nossa pesquisa está sendo feita uma pesquisa bibliográfica sobre: educação feminina, ensino superior, movimento feminista; além da educação de modo geral. Buscamos também conhecer o contexto histórico da época da formação e atuação da União, para compreender o papel feminino na sociedade e em especial na educação. Entender como as mulheres eram vistas naquela sociedade significa compreender as conquistas que tiveram ao longo do tempo. Para esta pesquisa bibliográfica, o acervo da Biblioteca Nacional está sendo essencial.

A análise documental também é de extrema importância, neste sentido temos como fonte primeira o Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, localizado no acervo do Arquivo Nacional. A União se correspondeu com a Federação e os seus membros eram, em sua maioria, também membros daquela, portanto analisar essas fontes vem colaborando para se responder as questões levantadas pela pesquisa.

A história da educação da mulher nos mostra que esta sempre foi subjugada, submissa, devendo aprender o “necessário”, especialmente as artes domésticas, para que pudesse cuidar do lar, dos filhos e do marido. As participantes da União tentaram romper com essa lógica instituída.

Em uma carta dirigida a Bertha Lutz enquanto dirigente da União Universitária Feminina, ao comentar o Código Civil Brasileiro, a missivista coloca que a mulher para fazer uma queixa policial necessitava da assinatura do marido e se o marido administrasse mal os negócios, a mulher nada podia fazer. Ao final do texto um desabafo sobre a vida e os problemas enfrentados pela missivista, que não assinou e nem datou a carta. Podemos perceber a condição social da mulher naquele momento, tidas como incapazes para dispor de sua própria vida e administrar negócios.

Percebendo tais concepções ficam visíveis as barreiras enfrentadas e ultrapassadas por aquelas mulheres para entrarem num curso de nível superior, mesmo se considerarmos a origem sócio-econômica privilegiada da maioria delas; e a necessidade da formação de uma associação como a União Universitária Feminina.

Elas se destacaram nas áreas de Direito, engenharia, ciências, assim como no campo político partidário. Ora, exercer profissões como a medicina e o direito era inadmissível para elas, pois tais profissões eram consideradas intelectualmente destinadas aos homens. A formação em nível superior foi um dos caminhos trilhados por aquelas mulheres que buscavam, no período estudado, igualdade de direitos e acima de tudo serem vistas na nossa sociedade como seres pensantes e criativos.

Mas quem eram elas? Vejamos. Os dados aqui trazidos foram retirados dos documentos do Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e da obra SCHUMACHER, Schuma, BRAZIL, Érico Vital. (Orgs) *Dicionário mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

Bertha Maria Júlia Lutz: Nasceu em São Paulo no dia 2 de agosto de 1984, filha da enfermeira inglesa Amy Fowler e do cientista e pioneiro da medicina tropical Adolfo Lutz. Bertha se destacou por ser pioneira das causas feministas no Brasil. Quando adolescente, foi completar sua educação na Europa, tendo contato com a campanha sufragista inglesa. Licenciou-se em ciências na Universidade de Sorbonne, Paris, em 1918, voltando em seguida ao Brasil. Juntamente com outras mulheres, criou a Liga para Emancipação Intelectual da Mulher. Em 1922, viajou para os Estados Unidos como delegada oficial do Brasil na I Conferência Pan - Americana de Mulheres. Ao retornar organizou a Conferência pelo Progresso Feminino, uma comemoração ao centenário da Independência, consolidando a criação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Bertha participou da criação da União Universitária Feminina, em 1929, ano que ingressou no curso de Direito, para melhor poder participar da vida política.

Carmem Velasco Portinho: Nasceu no dia 26 de janeiro de 1903, em Corumbá (MT), mudando-se muito cedo para o Rio de Janeiro(RJ). Participou da organização do movimento sufragista, em 1919. Em 1931 foi presidente da União Universitária Feminina. Propunha que as mulheres não mudassem seu nome ao se casar, para que com essa atitude demonstrassem independência e resistência, como ela mesma que não adotou o nome de seu marido. Em seu último ano no curso de engenharia, 1925, começou a ministrar aulas no Colégio Pedro II. Formou-se em engenharia civil, em 1926, na Escola Politécnica da Universidade do Brasil, sendo a terceira mulher a se formar engenheira no país. Teve uma carreira brilhante, sendo ela a responsável pela introdução do conceito de habitação popular no país. Em 1987, foi convidada pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, junto com outras mulheres, a entregar ao presidente da Câmara dos deputados, Ulisses Guimarães, a Carta das Mulheres aos Constituintes, com propostas para a Constituição que estava sendo redigida.

Maria Luíza Dória Bittencourt: Nasceu em 1910, em Salvador (BA). Diplomou-se no Colégio Pedro II, ingressando na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, formando-se em 1931. Ainda estudante, foi secretária da União Universitária Feminina e participou do Congresso Penal Penitenciário Brasileiro, e apresentou a tese “Reformatório da Mulheres Criminosas”. O mesmo trabalho foi enviado a outro evento sobre o tema, em Praga em 1930. Conheceu Bertha na faculdade. Destacou-se no Congresso Internacional Feminista realizado no Rio de Janeiro em 1931, e na II Conferência Nacional de Educação em 1932, expondo um trabalho sobre o ensino primário no qual propunha a regulamentação da divisão de competência entre a União e os estados.

Maria Rita Soares de Andrade: Nasceu no dia 3 de abril de 1904, em Aracaju (SE). Foi a única mulher de sua turma e a terceira a se formar no estado da Bahia em Direito, em 1926, na Universidade Federal da Bahia. Em Aracaju trabalhou na Procuradoria - Geral de Sergipe. Uniu-se a Bertha Lutz e em 1931 participou do II Congresso Internacional Feminista. Criou a seção sergipana da União Universitária Feminina. Em 1938, mudou-se para o Rio de Janeiro, sendo secretária e consultora jurídica da FBPF. Lecionou literatura no Colégio Pedro II e foi professora de processo civil na Faculdade Técnica de Comercio. Em 1967 tornou-se a primeira juíza federal do Brasil.

Maria de Moraes Werneck de Castro: Nasceu no Rio de Janeiro (RJ), em 9 de outubro de 1909. Nos anos 1930, ingressou na Faculdade de Direito, momento em que

se entusiasmou pela luta feminista e pelo direito ao voto. Integrou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, a União Universitária Feminina e a Liga Antifascista. Engajou-se na Aliança Nacional Libertadora e, na mesma época, começou a ficar insatisfeita com a posição política da FBPF que considerava de cunho burguês. Uniu-se a outras mulheres fundando a União Feminina do Brasil, onde foi secretária jurídica e sua representante junto a ANL. Ocupou o cargo de tesoureira da UUF.

Orminda Ribeiro Bastos: Nasceu em Manaus (AM) em 12 de abril de 1899. Quando criança foi para Belém, junto de seus pais, onde estudou e formou-se pela Faculdade Livre de Direito do Pará, em 1922. Foi professora de grego e latim do Colégio Estadual Paes de Carvalho. Em 1925, transferiu-se para o Rio de Janeiro (RJ), e advogando participou da equipe de Evaristo de Moraes. Assessora jurídica da FBPF, engajou-se no movimento nacional sufragista e, em 1929, junto com companheiras de profissões liberais, fundou no Rio de Janeiro, a União Universitária Feminina, sendo sua vice - presidente em 1931.

Como a pesquisa está em andamento e com os resultados obtidos até o momento ainda não pudemos ainda tirar conclusões precisas. Mas lendo sobre a vida dessas mulheres, observamos que das seis já encontradas, apenas uma não havia se formado em Direito, Carmem Velasco Portinho, que teve uma brilhante carreira na área de engenharia. Logo, conforme as palavras da própria Bertha Lutz, essas mulheres ingressaram no nível superior cursando principalmente Direito para melhor lutarem por suas idéias feministas.

As mulheres eram ignoradas sofrendo diferença salarial, proibição de votar e de se candidatar para a carreira política, também não podiam entrar no serviço público em determinadas carreiras e poucas chegavam ao ensino superior. Para solucionar tais problemas elas recorreram à educação como uma de suas bandeiras de luta. Dessa forma a educação era um dos caminhos para atingir seus objetivos, que não eram poucos, já que a diferença e a exclusão se faziam persistentes e permanentes dentro da sociedade.

Então buscar compreender o caminho trilhado por essas mulheres nos faz pensar o hoje e perceber que direitos básicos como o de votar e ocupar cargos políticos, entre tantos outros impensáveis para elas, foram sendo conquistados ao longo do tempo.

Referências bibliográficas:

BONATO, Nailda Marinho da Costa Bonato. Relatório de Pesquisa do Projeto *As concepções da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino sobre a educação feminina – 2004/2005*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005. (Digitado)

HAHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850 – 1940*. Tradução de Eliane Lisboa; apresentação de Joana Maria Pedro. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

Pinto, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

SCHUMACHER, Schuma, BRAZIL Érico Vital (Orgs.) *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

FONTES:

ACERVO DO ARQUIVO NACIONAL. Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. 1902 – 1979.